

ECOS d'África

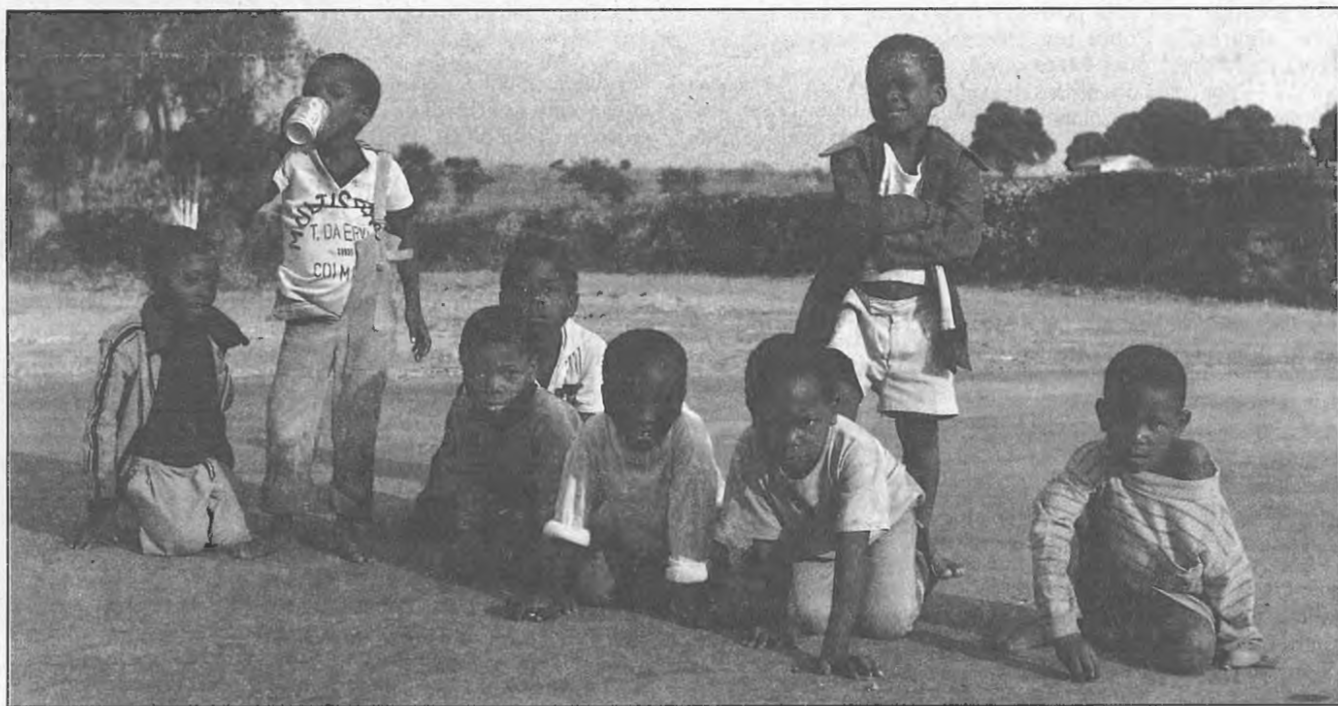
Como teria sido possível...?!

HÁ quanto tempo eles não soavam! Até me assusta, agora, a enorme colecção de mensagens onde palpita o interesse da grande Família que O GAIATO congrega para este projecto africano da Obra da Rua, o qual, por tantas razões colhidas da nossa História e do Evangelho, na verdade o merece. Deus louvado por este interesse despertado e mantido em fecunda actividade! Sem ele, como teria sido possível a reconstrução das Casas em Angola e a construção da nova Casa de Moçambique e todo o bem que delas tem irradiado sobre populações esvaziadas de tudo o que é essencial à vida?! E, de todos os bens, não é decerto o menor o contributo para a Esperança de que é testemunho e instrumento a presença das nossas Comunidades, fundadas, e só, na confiança indefectível na Providência Divina!

Ontem, ao celebrarmos a Epifania do Senhor, sublinhámos, exactamente, a dimensão universal da Misericórdia de Deus que não faz acepção de pessoas e quer contar com a colaboração do Homem para fazer chegar a todos os homens os frutos da Sua solicitude de Pai. Eis o sentido do dever que nos determinou ao regresso numa hora em que não faltavam argumentos humanos de prudência e segurança para não irmos.

O nosso Povo entendeu e aderiu. E assim nunca nos faltou com o encorajamento e os meios materiais que tornaram possível em quatro anos acolher em tectos nossos mais de trezentos rapazes; e, para além destes, mitigar fomes, debelar doenças, construir casas, proporcionar instrução a tantos outros que são o Próximo das nossas Comunidades africanas. Louvado seja Deus.

Continua na página 4



Que seria destes pequenitos malanjinhos se não fosse a Casa do Gaiato...!?

SETÚBAL

Criminalidade

DE novo pelas prisões, em contraste arripante com a realidade viva, vêm-me à memória os reparos à injustiça social na baila dos discursos ociosos.

Um rapaz de vinte anos, preso aos dezoito, à espera de julgamento, aguarda por detrás das grades que o Tribunal se pronuncie.

Fui lá, não tanto por causa dele mas impelido pela heroicidade da mãe. Viúva desde os cinco anos dele, a viver só dos seus braços e cabeça, com mais quatro filhos; posta na rua, conseguindo uma habitação social, deba-

tendo-se com doença incurável do penúltimo filho; nunca desanimou. Agarrando-se com toda a alma aos frutos do seu ventre, fez deles arrimo e ânimo também contra os desafios do degradado ambiente cultural do seu segregado bairro.

Ambiente de sofrimento

A cadeia é um ambiente de sofrimento. Compreendo e aceito que seja assim. É indispensável sofrer; não tanto para expiar mas sobretudo para redimir.

Em todas as prisões e, sobretudo, naquelas que retêm jovens, se o sofrimento não tiver como finalidade primária redimir a sua pessoa, é vão, demolidor e anti-social. A segurança do cidadão comum depende muito da forma como o jovem recluso é tratado durante a pena.

O espaço de tempo a que corresponde o castigo seria um período privilegiado para uma terapia em toda a linha do Humano.

Entre nós não conheço nenhuma prisão que corresponda, no mínimo, a esta exigência ética.

Continua na página 4



Casa bem lançada. Assente na rocha. A tempestade dá lugar à Esperança!

Património dos Pobres

Colaboração de muitos

O nosso povo diz: «Onde muitos cozem, faz lama». O testemunho que vamos dar é prova evidente disso mesmo.

Há pouco mais de um ano recebemos carta de mãe aflita e desesperada, contando a sua situação:

É casada e o marido, muito achacado por doenças, está tuberculoso. Tem quatro filhos pequenos e dois são asmáticos. Só ela trabalha a dias na cidade mais próxima que dista muitos quilómetros. Viveu numas ruínas familiares, sem portas nem janelas e, agora, receberam ordem de despejo do Tribunal. Tem a tentação de acabar com a vida.

Esta mensagem aflitiva afligiu-nos também e logo a animámos e prometemos a ajuda da Obra da Rua. O correio levou a primeira

oferta e, logo que possível, seguimos estrada fora ao seu encontro.

Uma réstia de esperança já tinha orientado a sua vida. Compraram, por preço moderado, uma superfície rochosa da Junta de Freguesia. Começaram a construir.

O Serviço Social tomou conhecimento e tem-se movimentado. A Câmara Municipal pagou a instalação eléctrica e a baixada e prometeu mandar fazer as janelas e colocá-las. A Junta proporcionou algumas achegas. A água que corre na torneira, é oferta do vizinho. Outros têm ajudado com pequenas coisas. Passados poucos meses foram habitar a casa nova.

Ontem voltámos lá. Estava o pai e os dois filhos do meio. A casa parece bem lançada. Assente em cima de rocha. Cozinha, sala, três quartos, quarto de banho e arrumos. Paredes de tijolo duplo. Uma escada

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Acudimos a um homem que ao longo da vida tem sido um *excluído...*, talvez por *doença*.

Situações que, às vezes, causam dificuldades a quem faz bem e obriga a muita força de espírito.

Não vamos contar a história. Mas acentuar uma nota positiva: algures, o Pobre tem agora mesa posta duas vezes por dia — por conta dos nossos Leitores. E a própria cozinheira não faz comércio!
Bendito seja Deus.

Noutro lado, é uma doente acamada. Recebe muito pouco da Segurança Social. Por isso, a irmã de sangue, qual heroína, dá-lhe o melhor tempo da sua vida para amenizar o calvário.

Aqui, não há carências de afecto. Sim, d'ordem material. Resolvemos o problema fundamental.

Temos ali outra luz — *escondida* como tantas outras — para alumiar o mundo que fecha os olhos ou desconhece os *mártires* deste tempo, quais santos que poderíamos *canonizar* em vida, pelo seu martírio.

PARTILHA — A valiosa oferta *«de Novembro/Dezembro»*, com *«saudações fraternas e muita amizade»*, de *«uma Assinante de Paço de Arcos»*.

Mais dez mil, do assinante 49263, de S. João da Madeira.

Remessas habituais: casal-assinante 11902, do Fundão, *«mensalidade de Dezembro»*; *«avó dos cinco netinhos»* — Setúbal — *«desta vez um pouco mais para o Natal de quem tanto precisa»*; e um remanescente de contas com O GAIATO, pela mão do assinante 7109, de S. Gonçalo — Amarante.

Mais 5.000\$00, do assinante 42971, de Ovar, destinados *«aos mais necessitados e mais envergonhados, por intenções que Deus sabe»*.

Por fim, cheque da assinante 31104, de Lisboa, pedindo a Deus que alivie o seu sofrimento.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Os trolhas trabalham ainda na casa 4 de cima. Pintaram a casa toda. Agora, só estão a envenenizar.

FUGITIVO — Sérgio, o «Fugitivo», depois de tentar muitas vezes, conseguiu chegar a casa dos familiares. Mas, graças a Deus, já cá está.

Esperamos que não volte a fugir...!

ANO NOVO — Alguns rapazes foram visitar os familiares, no Ano Novo.

Ficaram muito contentes e... alguns ainda exageraram um pouco!

Pelas CASAS DO GAIATO

VACARIA — As vacas estão muito bem. O seu tratador é que está mal: café de costas, nos paralelos, e teve que ir para o Hospital. Boas melhoras.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

FUTEBOL — Poucos jogos. Mas, como sempre, treinamos no sábado, preparando-nos para os desafios. Faz-nos bem. Alivia o *stress* da vida quotidiana.

No dia 30 de Dezembro recebemos os Juvenis do S. C. Salgueiros. O adversário mostrou bom futebol e conseguimos também mostrar o nosso, apesar de não termos jogado ao melhor nível durante a primeira parte. Vencemos por 5-2.

Este jogo teve um cariz de prenda para os que ficaram em Casa, no Ano Novo. Pelo facto agradecemos ao S. C. Salgueiros, pois este evento foi muito importante para os nossos rapazes.

Agradecemos também os equipamentos, chuteiras e bolas oferecidas e autografadas não só pela equipa que nos visitou como ainda pela de profissionais do clube.

No futuro, esperamos receber outros clubes do mesmo escalão e com a ressonância deste.

«Vitinho»

BENGUELA

VIDA COMUNITÁRIA — Neste ano o objectivo é melhorarmos o ritmo diário da nossa vida. Começámos pelo trabalho. Fizemos um corte nas saí-

das diárias à praia, pois já era quase uma «obrigação». No primeiro dia foi difícil...

Estabelecemos um horário de trabalho a cumprir. Custa. Mas pouco a pouco concordamos com Pai Américo: «o trabalho deve seguir a par» com tudo o resto, com a mesma importância da oração e do divertimento.

É claro, tem que haver disciplina em nossas Casas. Com tantos filhos há que seguir determinadas normas no dia-a-dia. Por isso, aos poucos, vamos insistindo, convidando a participar e a cumprir.

Um aspecto a respeitar: o toque do sino, a horas certas, para início e fecho das actividades. Portanto, queremos que ele seja a «voz de comando» para levantar, para o refeitório, para o trabalho, para o Terço e tudo o resto que constitui a rotina diária.

Carlos Roda

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As do edifício das escolas terminarão durante o actual período.

Para os mais pequenos, o campo de jogos está a ser preparado pelo sr. António e o Emídio com a ajuda dos rapazes.

RETIRO — Os que foram ao Retiro, gostaram. Idades dos 30 rapazes: entre os 13 e os 15 anos.

Era um ambiente calmo, bonito. Foi pena o tempo chuvoso...

LAR DE COIMBRA — Já começou o segundo período escolar. As notas do primeiro foram razoáveis.

Agora, no segundo período, têm que estudar muito mais

porque é decisivo. No terceiro será muito pior.

O Lar continua a ser local de silêncio!

VISITANTES — Durante o Inverno não recebemos tantos visitantes. Mas, a partir da Primavera, os nossos Amigos continuarão a visitar a nossa Casa.

GADO — As cabras ainda não tiveram crias. Há uma vaca cega e o responsável pelo gado não a pode deixar sozinha.

As galinhas continuam a dar 10/13 ovos por dia. Mas, no dia 6, puseram 27 ovos de manhã!

OFERTA — Duas semanas depois do Natal uma senhora e suas filhas vieram oferecer muitas coisas boas. Agradecemos às pessoas que nos ajudam.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO — Agradecemos a quem contribuiu para os Pobres neste Natal de 1995 e desejamos um feliz ano de 1996, de paz, saúde e amor.

Para uma família, o Natal foi triste. Uma da filha abandonou o lar e está na casa dos pais do namorado. Este senhor ficou na posse dos filhos, quando a mulher o abandonou. Fez sempre tudo para que nada lhes faltasse. É trabalhador, honesto, e não abdica do respeito e disciplina em sua casa. Ela era a filha mais velha. Tomava conta da casa e dos irmãos. Uma autêntica dona de casa com 18 anos. O pai confiava muito nela e ficou muito triste quando chegou e encontrou um

bilhete a dizer que o amava muito, mas decidiu começar uma vida nova.

Como podem imaginar, custa vermos sair de casa um filho nestas condições. Mas foi uma opção e temos que a respeitar e desejar à moça boa sorte.

O QUE NÓS RECEBEMOS — Anónima, na tentativa de minorar o sofrimento, 10.000\$00. Para ajuda do Natal, 30.000\$00. Assinante 26306, 20.000\$00 com um ditado muito bonito: «O amor sem verdade é cego e dura pouco». Amiga Lígia, de Fiães, com um forte abraço 15.000\$. Assinante 26040, 20.000\$00. Anónimo, 1.500\$00 e brinquedos. Anónima, 2.500\$00. Da Alemanha, assinante 35819, 200 DM. Anónimo, 1.000\$00. Celeste Choupana, 700\$00. Assinante 27503, 10.000\$00. Carminda, 5.000\$. Anónimo, 5.000\$00. De Castelo de Paiva, 5.000\$00 e palavras de conforto e entusiasmo para que continuemos com a nossa missão.

Casal vicentino

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição, no mês de
Dezembro:
73.000 exemplares.

ANGOLA

Paz: um percurso difícil e sinuoso

AS Casas do Gaiato em Angola, Malanje e Benguela, começam a afirmar-se no seio da sociedade angolana. Não tem sido uma tarefa fácil, principalmente num País destruído por uma guerra longa, cruel e destruidora. As marcas são aterradoras. São capazes de desanimar qualquer mortal, não imbuído de um espírito de sacrifício, baseado no amor e no respeito ao Próximo.

De facto, da longa guerra, Angola herdou uma sociedade completamente destruída e à beira do abismo. Angola, um País rico, porém, em 20 anos de guerra, encontra-se actualmente entre os vinte e cinco mais pobres do Globo. Possui, na actualidade, segundo a UNICEF, a segunda maior taxa de mortalidade infantil do mundo. A guerra armadilhó o País com quase 15 milhões de minas, inviabilizando, a curto e médio prazo, o cultivo da terra. Assim, os cerca de 3,5 milhões de deslocados que a guerra produziu, dependem exclusivamente das ajudas humanitárias, cultivando-se desta forma o ócio e o parasitismo, no seio das populações.

Fruto da guerra e das suas consequências imediatas, parece ter soado a hora do «salve-se quem puder». À pobreza material, juntou-se a pobreza de espírito. Nada se faz de forma desinteressada. Tudo tem o seu preço, pois a justiça e a moral há muito deixaram de fazer morada numa sociedade à beira do abismo. A administração tem as suas engragens enferrujadas. Para as mover é preciso oleá-las... com dólares! Isto

num País em que a moeda oficial é o kwanza reajustado! Quem tem acesso aos dólares? Uma minoria de privilegiados e quase sempre os mesmos. Conseguem tudo, até mesmo comprar a consciência dos homens! É miséria que se vive em Angola e que em parte envergonha os homens de boa vontade, não consegue encontrar, já, uma justificação completa na longa guerra pós-independência e pós-eleitoral... Por isso, a paz efectiva é o presente mais ansiado por todos os angolanos no novo ano que agora começa.

São homens como os Padres Manuel António e Telmo Ferraz e instituições como as Casas do Gaiato que ajudarão a sociedade angolana a reencontrar-se, depois desta longa travessia no deserto, em que as palavras de ordem e *slogans* inflamados estiveram sempre à frente das acções. Quantas vezes os «chavões» inviabilizaram projectos credíveis que hoje, no campo da assistência social, poderiam dar resposta, por exemplo, ao fenómeno chamado, «poeticamente», de *meninos de rua?* Porém, foi necessário aguardar-se pelos ventos da democracia para se reconhecer o papel imprescindível e louvável da Igreja, no campo da assistência social. Um papel muito diferente e mais humano quando comparado ao das ex-Escolas Provisórias que surgiram em Angola, com o intuito de afastar a Igreja do Ensino e da Educação, isto quando a chama revolucionária estava no auge. Hoje, sem exageros, sabe-se que aquelas escolas funcionavam como autênticos armazéns de crianças. Os directores tinham acesso a tudo o que era bom, enquanto os rapazes estavam entregues à luta pela sobrevivência.

Eduardo Santos Silva

Retalhos de vida

«NELITO»

Eu sou o Manuel Afonso e por apelido «Nelito». Tenho 12 anos. Vim para a Casa do Gaiato de Malanje porque tive a infelicidade da morte do meu pai. Estava a viver com minha tia, mas devido à falta de condições, nem podia estudar.

Este ano frequentei a 3.ª classe. Graças a Deus, fiquei bem. Sou o responsável pelos patos e galinhas. Já temos 36 galinhas e 17 patos e patas. Três delas estão no choco.

Sinto-me bem aqui, nesta Casa, porque fui bem acolhido e vivo bem com os outros.

Aproveito esta ocasião para enviar saudações ao nosso irmão que se encontra em tratamento, em Lisboa, acolhido na Casa do Gaiato do Tojal, e a todas as pessoas amigas, mesmo de longe, que nos ajudam muito.

Manuel Afonso («Nelito»)

Tribuna de Coimbra

Presença de muitos Amigos

A quadra natalícia trouxe até nós a presença de muitos Amigos. Damos graças a Deus e pedimos por todos e suas necessidades. Foi uma partilha de bens muito variada: roupa, calçado, brinquedos, géneros alimentícios, bolos, leite, azeite etc. É sempre com agrado que registamos essas presenças tão significativas.

De Monte Real, por mão de um distribuidor d'O GAIATO, cheque com 40 mil. Um sacerdote da Beira com 100 mil e já cá voltou outra vez com 30 mil. Coimbra: «Para aqueles que necessitam mais do que eu...», 50 mil. Da Comunidade Católica Portuguesa de Montes-La-Jolie, 147.928 escudos. Mais 3 mil, de Coimbra. Um «admirador» com 10 mil. Instituto Educativo do Juncal: 200 mil com o pensamento em nossas Casas de África. Olhando para as necessidades imediatas que saltam a olhos vistos nas obras que estamos a efectuar, um casal amigo rubricou 800 mil, em cheque. Um ourives, de Coimbra, com 50 mil. Na minha passagem pelo Lar, tudo me é entregue pela mão de D. Maria da Luz. A Marília Isabel com 100 mil. Mais 6.500 dos funcionários da Fazenda P. de Coimbra. Por mão da Cúria Diocesana da Guarda, 25 mil. Da Freguesia de Chãs, Leiria, as habituais carradas de batata, feijão e fruta, organizadas carinhosamente pelo sr. Joaquim, e mais 48.500\$00.

Uma excursão, de Aveiro, com 13 mil. No magusto da Paróquia de S. José, «puxa daqui e puxa dali», 47.100\$00. Cecília, de Marinha Grande: «Por uma graça recebida...», cento e setenta contos. Mais 10 mil, «por graças recebidas». Do Gavião, os habituais e bastas vezes repetidos 20 mil. Esmeraldina, de Sever, com 20 mil e a recomendação do seu ente querido. Os Lyons, do Pombal, com 10 mil e merenda «para os meninos». Na loja do Fernandito, em Coimbra, o primeiro donativo a referir-se ao Natal: cheque de quinze mil.

Agora, um joalheiro de Coimbra — não sei se é o mesmo — com 50 mil. Mais 50 mil, por mão do nosso Padre Horácio. Oliveira do Hospital: 30 mil «prós meninos do Gaiato». Um Amigo, de Castelo Branco, o mesmo dos cem mil, agora com 20 mil. Mais 40, de Gouveia. E outra vez 100, de Castelo Branco. Um legado, da Lousã, com 100 mil.

De Tomar, de Maria Olga, da Figueira da Foz, de Leiria, para «recordar o imortal Padre Américo»; e do assinante 638, 10 mil escudos.

De Braga, de Ansião, um Arlindo, de Miranda, de S. Paio de Gramaços, do Casal Carmona, da Maria do Rosário, da Auto-Industrial, de Coimbra; uma Luísa, de Aveiro; um Luís, de Tomar; um Amigo pontual da Pampilhosa e de Pombal; a assinante 17790: 20 mil escudos.

De Soure, de Geraldês Freire, de Coimbra — não só de uma vez — e de Queluz: 25 mil.

Da Junta de Freguesia da Sé Nova, 100 mil. A Imelda também com 100 mil, de vez em quando repetidos. Do Espinhal, 15 mil. Os anuais 200 mil de Coimbra. Cento e sessenta e nove mil e duzentos e oitenta escudos, da festa de Natal que os nossos realizaram no salão polivalente da Igreja de S. José. Da Lousã, mais 100 mil. Casal de Chão de Couce com 125 mil. Só Deus sabe o que esta oferta significa de amor e sacrifício... Uma catequista dos nossos, com 50 mil. A visita numa escola primária, com 17.260\$00. Uma viúva, de Miranda do Corvo, com 30 mil. Mais 50 mil, de Penela. Cesaltina com 150 mil. Um grupo do Bairro de Buenos Aires, em Castelo Branco, 30 mil. A «Rede Império», de Castelo Branco, 6 mil. As bordadeiras do Museu Tavares Proença, em Castelo Branco, com 24.500 escudos. O Colégio, de Cernache, com 50 mil e muitos e variados géneros alimentares. Familiar de Maria da Luz com cheque de 50 mil. Na Casa do Castelo, 9.500\$00. De Almeida, aposentado da Função Pública cheque com 50 mil. Um professor da Universidade de Coimbra, também com 50 mil. Um grupo de família, de Ourém, com os olhos postos nos quatro cantos da nossa Casa, cotou-se numa generosa partilha que somou 154 mil escudos. O «beijar» o Menino Jesus em nossa Casa, na noite de Natal, «rendeu» 17.100\$00. Uma avó, da Lousã, e seus netos, apareceram com 154 mil — fruto de uma renúncia comunitária da família. Da Alemanha, 400 marcos. Mais cem, da Suíça. Os donos do Aviário de Santa Cita, sempre com a presença do costume: 50 contos. Mais 100 mil, de Cardigos. De Turquel, Alcobaça, a presença amiga que não quer propaganda. Desejo satisfeito!

Que Deus a todos recompense e conceda um Ano Novo cheio dos Seus dons.

Padre João

O nosso cronista informou que a inspiração não vinha e por isso não conseguia escrever nada. Decidi fazer eu a crónica. É uma maneira de me aperceber melhor das teias de que é feito o nosso dia-a-dia.

O NATAL. Foi o Menino-Deus o centro da vida. O seu mistério, o seu silêncio, a sua humanidade, a sua proximidade, o seu dom, a sua simplicidade... Foram os meninos que também povoaram a minha vida, os que estão em casa e os que ficam fora... Foram os Amigos com a sua amizade, seu carinho, sua delicadeza, sua palavra de estímulo, sua solidariedade, seus presentes... Foi o sonho e a realidade, a esperança, a alegria, a noite linda da festa e da celebração. O nosso muito obrigado a Deus por nos ter dado vida para viver mais este Natal. Um muito obrigado à Virgem Maria por nos ter dado o Menino. Muito obrigado a todos os Amigos que nos acolheram em seu coração.

O ANO NOVO. Alguns rapazes foram a casa. É sempre um momento muito doloroso aqui em Casa. Os que ficam, ficam pendurados nos porquês da sua não ida. Alguns dos que vão, acabam por chegar demasiado perturbados. Como fazer

ENCONTROS em Lisboa

o equilíbrio entre o grupo familiar com as suas afectividades naturais e, por outro lado, os males que corroem suas famílias e que fazem com que estes nossos rapazes aqui se encontrem? A aproximação destes momentos cria-me sempre demasiada ansiedade e sofrimento. Este ano ficaram por lá dois, na maior miséria moral e económica, entregues à degradação da barraca e da inconsciência dos seus progenitores. Não vale a pena utilizar argumentos de razão e de humanidade. As lógicas são outras. Quem vem a sofrer não são os responsáveis por decisões de hoje. Esses continuarão impunes.

OBRAS NO PALÁCIO. O Palácio dos Arcebispos, também conhecido por Palácio da Mitra, foi até 1910 a residência de férias dos Bispos de Lisboa. Na-

cionalizado, foi completamente vandalizado até 1947. Voltou ao Patriarcado nessa data e proposto a Pai Américo para aí fundar uma Casa do Gaiato. Pai Américo chamou-lhe um «monte de ruínas»; mas, reparado, recebeu os primeiros rapazes em 4 de Janeiro de 1948. Entretanto, houve necessidade de construir nova Aldeia para os nossos rapazes e, mais uma vez, o Palácio se começou a degradar. Chegou o momento de recuperar. As obras já começaram. Estamos a tentar que várias entidades possam dar a mão... Em 1998 esta Casa do Gaiato de Lisboa fará 50 anos. Quanto gostaríamos de ver a primeira moradia dos nossos rapazes completamente recomposta, na sua beleza.

UM QUARTO VAZIO. Temos em nossa Casa um quarto vazio à espera de ser

ocupado. Não sei quem o ocupará. Pedimos a Deus que seja ocupado por uma MULHER-MAE, totalmente dada à tarefa de nada faltar a todos estes filhos que seu coração adoptará. Será, sem dúvida, um coração grande, capaz de acolher mil esperanças de meninos sedentos de ouvir o nome pronunciado com carinho, sentir seus cabelos afeitos com mãos de terno amor. Será capaz de sofrer com revoltas manifestadas de muitos modos, sem que os revoltados se sintam condenados. Completamente mergulhada na vida do dia-a-dia, ensinará trabalhos vários a estes meninos que, com entusiasmo, os aprenderão a realizar como se toda a vida da Casa deles dependesse. Corrigirá seus erros com compreensão e o calor amigo do acolhimento, nos momentos de solidão, aliviará suas penas. Curará suas feridas do corpo e da alma. Com sua palavra alimentará sonhos de futuro com dignidade e felicidade. Sentirá seu corpo cansado e sua mente em brasa, porque já não pertence a si, mas outros a possuem e dela se alimentam para encontrar a vida. Será sonho? Será poesia? Não será antes uma vida nova? Aprender de Maria, a Mãe do Menino: «Eis a serva do Senhor».

Padre Manuel Cristóvão



BENGUELA

Um pedaço de vida

RECEBI, há dias, uma boa notícia: Que mandasse buscar 50 sacos de açúcar, oferecidos por um empresário muito amigo da Casa do Gaiato. Costumo andar com os pés bem assentes na terra, mas, desta vez, levantei-os bem alto, de tão contente que fiquei. Saltei de alegria. É que, nesta terra, não estamos habituados a dons desta categoria, vindos das mãos de novos empresários. Há, sim, quem nos leve tudo o que temos. O dinheiro que vamos conseguindo arranjar desaparece todo na compra de comida para matar a fome daqueles que vivem connosco e dos que batem à nossa porta. Tem sido um caminhar doloroso. Nesta semana que passou, corri de porta em porta, a ver se conseguia

alguns sacos de farinha de milho para pôr um bocadinho nos cestos dos trabalhadores que vivem connosco todos os dias. Não consegui! Fui às instâncias oficiais e... nada! Fui aos armazéns privados e... nada! Quando sairemos de tamanha desgraça?! Passo pelos nossos campos, vejo as mães carregadas de filhos, mais os homens a pedirem comida e não dinheiro e fico verdadeiramente aflito. É que o dinheiro não dá para quase nada e a comida não existe. Este é um pedaço de vida de quem decidiu carregar sobre os ombros a sorte dum povo aflito para o ajudar a viver.

Por isso, os 50 sacos de açúcar foram um alívio. Tornaram a vida um pouco mais doce. As aulas estão prestes a começar. Queria dar às crianças de fora da Casa, que vêm frequentar a

escola, uma refeição, pelo menos. Muitas delas entram na sala de aulas com a barriga vazia. Enquanto o açúcar durar, não-de tomar um copo de leite que a nossa Casa de Lisboa nos mandou. Se o pudermos misturar com farinha de milho, esperamos que há-de chegar, o estômago delas ajudará a cabeça a acolher a lição das aulas.

Novo empresariado

Ao falar desta maneira, quero dizer que, neste momento, as condições de vida do povo continuam a ser muito duras. No terreno é assim. A tentação do desespero continua presente. É forte o clamor pela paz efectiva, mas custa muito a ser ouvido. Os responsáveis maiores dizem que o ano de 1996 é decisivo. A paz virá, em definitivo. Acreditamos

que sim. A sociedade vai-se degradando, entretanto. Os meios de comunicação social fazem-se eco da desonestidade reinante em sectores vitais para o bem da população. Parte dos bens alimentares que vêm para o povo, não chega ao seu destino. O mal está no coração das pessoas. E é no coração que, primeiro, se constrói a paz.

A esperança não morre. A atitude do novo empresário é uma luz no túnel, por onde vamos a passar. Achei interessante a expressão dele a respeito do novo empresariado emergente na hora actual: «Há gente boa no mundo do negócio». Era a resposta à questão que lhe pus acerca da falta de espaço interior para a solidariedade nos chamados agentes económicos. De tão preocupados que vivem para amearhar a maior quantidade de dinheiro possível, esquecem-se da fórmula certa para o equilíbrio social: a solidariedade. A ganância, a desonestidade, fomentam a guerra e não a paz. Não tenho dúvidas de que um dos factores que contribuem para o agravamento da situação social está na falta de solidariedade das chamadas forças vivas da sociedade civil, em parte, com o povo.

Dizia-me o nosso Amigo que é um problema de cultura. Há, pois, que buscar a fonte da formação duma cultura de solidariedade. A guerra faz noite sobre este valor humano e outros. Estão escondidos debaixo das ruínas do edifício social. Queremos trabalhar na descoberta destes valores. Partilhamos tudo o que nos dáis, a começar pelo nosso trabalho.

Padre Manuel António

Criminalidade

Continuação da página 1

Sobretudo os jovens dependentes da droga, que para todos os efeitos devem ser considerados doentes, gritam por espaços físicos e humanos onde se possam encontrar!

Todos entendemos que um dever grave e urgente recai sobre os responsáveis de toda a amplitude humana responder positivamente a este grito: Igreja. Governo. Instituições e Movimentos. Dado que são milhares os jovens detidos nestas circunstâncias, poderíamos afirmar que sofremos internamente de uma autêntica guerra civil. Assolapada, sim, mas não dominada.

Muita da insegurança que hoje nos ameaça não é mais do que o eco de uma revolta irracional e instintiva, clamando por «Justiça».

Pelas décadas de 30 e 40 o País povoou-se de cadeias. Todas fora das cidades. Com dimensões suficientes para as necessidades da época e, de tal forma, que algumas fecharam por ausência de «inquilinos».

Actualmente a cidade alargou os tentáculos do urbanismo e engoliu-as sufocando o ambiente e cortando horizontes. É urgente construir novos e adaptados edifícios capazes de acolher com dignidade e redenção os que a justiça humana condena a penas prolongadas.

Doença psico-social

Saia-se para o campo! A criminalidade é uma doença psico-social e como tal deve ser encarada. As vítimas exigem um tratamento adequado em prisões condizentes com a sua debilidade e o seu poder de recuperação. O seu elevado número e o grau de degradação marcam a urgência das medidas necessárias. Se para a guerra da Bósnia foi possível dispor de meios e de pessoas com a rapidez que todos conhecem e dado que este conflito nos toca mais a todos, é, naturalmente, mais exequível uma obra destas: a Bem do Povo, da Nação e da Segurança!

Vamos treinar homens e mulheres, adquirir terrenos, construir edifícios com escolas, oficinas e fábricas, cultivar campos, cuidar de gado, alindar ruas e formar jardins. Sob custódia, sim, mas com a terapia natural das coisas simples.

Lágrimas escondidas

Quero aqui chorar as lágrimas escondidas em tantas celas, na angústia de tantos corações amargurados a explodir de raiva quando se deveriam elevar em arrependimento, dor e esperança.

Será que os homens do mundo só sentem o terror da insegurança e a ameaça da instabilidade social quando se digladiam em campanhas eleitorais ou jogam o próprio nome e interesses? — Não lhes dói o fosso em que tanta juventude caiu?

Por duas vezes, na minha vida, passei uma semana em cada ano, preso numa cadeia, a dormir numa cela e a comer à mesa da mesma comida com os detidos, para os entender, lhes poder falar e ser aceite por eles! Foram semanas de enorme pujança espiritual.

Quem me dera, de novo, a disponibilidade para me meter sob as grades e ver mais de perto!... Quem me dera!... A cadeia onde está o Nuno, com capacidade para 90, comporta 300. Os rapazes estão como sardinhas na lata em xíguas e insalubres celas!

Como se esta situação estivesse de acordo com as mais elementares exigências da saúde?...

— Em nome da Justiça!

Padre Acílio

Continuação da página 1

leva-nos ao sótão que poderá ser aproveitado. A fossa está feita e à volta da casa dois pedacinhos de terreno.

Com certa alegria, por ver aquele sonho realizado, ficou-nos na alma uma grande amargura. Por fora está o tijolo à vista. O trabalho por acabar. Por dentro todas as paredes e tecto estão sem massas finas. Só tem o abrigo de persianas, ainda sem janelas. Todo o chão de cimento grosso. Portas interiores..., só lá está o sítio para elas. Feriunos a sensibilidade, o

Património dos Pobres

aspecto triste daquele homem à espera que a casinha seja acabada.

Ali mesmo contámos portas e tirámos medidas e, de regresso, procurámos o pároco da freguesia. Quis acompanhar-nos a carpintaria amiga. Fomos bem recebidos. O trabalho vai ser feito. Quanto à despesa, que não nos preocupássemos. Os filhos do casal ajudarão. «São muito bons meninos e educados.»

Regressámos a casa mais contentes. Vimos sinais de esperança naquela família. A tempestade parece ter dado lugar à esperança. O sol de inverno também nos quis animar.

Animou-nos ainda mais a colaboração de muitos que têm ajudado. E meditamos no bem que seria para tantos aflitos e desanimados se sentissem o acolhimento daqueles que os poderiam ajudar. Os Servi-

ços Sociais. As Câmaras Municipais. As Juntas de Freguesia. Os Párocos com suas Paróquias. Os vizinhos. Os amigos. Todos como irmãos.

O Património dos Pobres tem realizado maravilhas. Nós somos testemunhas de actos heróicos que mãos dadas têm realizado, desde que Pai Américo o sonhou e concretizou.

Padre Horácio

Continuação da página 1

Mensagens

Deste conjunto enorme de retalhos de cartas que fui guardando, só um ou outro que me parece mais expressivo, pode ser dado à estampa. Mas em todos eles encontramos equivalente carinho e a fidalga delicadeza de quem deixa ao nosso critério o destino dos seus dons, posto indiquem o da sua simpatia, no caso «uma das vossas Casas em África», quando não mesmo esta ou aquela Casa, quase sempre por uma razão de vizinhança no passado.

Exemplo deste respeito e liberalidade no dar:

«Bom é só Deus! Mas que nome se há-de dar às pessoas que fazem o bem?»

Escrevo para mandar um cheque de 500 contos, que gostaria fosse dividido por Angola e Moçambique.

Como tenho O GAIATO, leio lá que têm, nesses países, muitas necessidades. No entanto, os senhores saberão melhor do que eu onde deve ser aplicado.»

É uma anónima de Fátima.

Outro exemplo: «Envio cheque de 100.000\$00 para ser aplicado no que achardes mais urgente: África? Conferências Vicentinas? Construção de casas para Pobres? Calvário? Quem sabe sois vós. Eu penso em todas as vertentes da Obra da Rua e nem sei escolher, tão úteis são todas. São Obras de Deus. Ele vos inspirará.»

Mais presenças de comunhão conosco.

Do Porto: «Muitas graças damos ao Senhor pela vossa Obra Missionária, no nosso País e nos irmãos de África. Sabemos que muito mais deveríamos fazer em prol dos mais carenciados, para além da oração que em família fazemos pelo sucesso da Obra da Rua



e dos esparsos donativos que vos enviamos, mas creiam-nos unidos a vós dentro desta insignificante atitude».

De Lisboa: «Junto a minha modesta presença anual em terras de África. É uma maneira grosseira de me associar ao trabalho extraordinário que só quem está totalmente virado para Deus, sem deixar de ter os pés na terra, leva a cabo.

Que Ele, o Motor, continue a dar saúde e ânimo aos que lá labutam e... suscite outros. Pai Américo está com certeza a velar por toda a Obra e a dar uma ajudinha».

Casais reforçando a sua mútua comunhão: «Que o Senhor nos perdoe por todas as vezes que não temos sido solícitos na partilha com os mais carenciados.»

Respostas a vários apelos

Várias respostas ao apelo de remédios que Padre Júlio fez de Malanje quando lá esteve o Verão passado. Uns mandam em substância: «Quanto nós podíamos fazer! Nós que nadamos em fartura e esquecemos aqueles que chegam a mor-

rer por nada terem para se tratar».

Outros enviam importâncias para o mesmo fim e «lembro-me muito desses Povos sem culpa nenhuma do seu sofrimento!» É verdade. Os culpados são os grandes de todas as latitudes que riscam sobre estes Povos o seu destino como se eles fossem tábuas raras. E vá de continuar apregoando democracias e direitos humanos!

Também em Setúbal se gerou um movimento junto de Empresas Farmacêuticas com algum êxito.

Nota simpática a correspondência de diversos Leitores ao «acto penitencial» de Padre Telmo depois que chegou a Malanje sem as bicicletas e outros artigos de divertimento que os seus rapazes lhe tinham pedido. E sinal saudável da parte dos rapazes que, apesar de tanta privação sofrida no essencial, ainda lhes resta espaço para manifestar que «nem só de pão vive o homem».

E termino hoje com a atitude bela de quem, para se esconder totalmente, vai ao Banco, sarrabisca o talão do depósito e insere nele somente: «Para as Casas de África».

Também a de muitos que apenas denunciados pelo cheque, algumas vezes avultado, recomendam: «Não agradeçam. Quando vier o extracto do Banco logo vejo que já receberam».

E também é de registar a «estratégia» de uma Amiga de há muitos, muitos anos, e de todos os momentos, que nunca «perdoa» o recibo para abater ao fisco; e depois, «chegada a altura de vos devolver o que recebi do I.R.S., graças à boa vontade de todos os que fizeram o favor e a despesa de me enviar os recibos», aí está com novo cheque.

Este ano foram cento e quarenta contos. Vejam quanto o Estado lhe comia! Assim foram as nossas Comunidades em África, «às quais gostaria lhes tocasse esta migalha».

Padre Carlos

MALANJE dia-a-dia

1/12/95

GRANDES chuvadas! O milho cresce a «olhos-vistos». Os brotos do feijão rompem os lombos das mibangas húmidas. Os nossos campos de mandioca já verdejam.

Terra bendita!

Pena que os jovens não a sintam nem a amem. Somente os mais velhos debruçados em carinho — com suas enxadas ou catanas — olhando as tenras hastes e aconchegando a terra.

O hino dos rebentos!

À promessa dos frutos!

2/12/95

OS nossos rapazes mondam o milho. Vi-os de longe. Pareceram-me flores semeadas na verdura suave do milharal! Depois vai passar o derregador para o aconchego.

O nosso trabalho é uma riqueza! Não escraviza. Dignifica, dá nobreza e, importante, sustenta e cria bem-estar.

Urgente, aqui e agora, a criação de hábitos de trabalho para que este arranque os frutos desta terra prene de riquezas. Só assim acabaremos com as migalhas que chegam aos portos, nos sujios porões dos navios.

Um monte de estruturas para elas chegar! Outro, para que as mesmas cheguem a cada boca.

Até agora, sim, teríamos morrido sem esta ajuda. Agora, depois de um ano de paz, começa a ser vergonhoso o não termos ainda aviários, parques com gado e tractores revolendo a terra. Batemos palmas a umas centenas de enxadas e uns quilos de sementes que demos aos velhos.

Urgente mobilizar os milhares de jovens (que para comerem um prato de funje têm

que vender seis escovas de dentes) para novos rumos na Pátria nova — alicerçados nas suas reais capacidades.

Na nossa Casa do Gaiato, e fruto do nosso trabalho, já temos carne, hortaliças e fruta. Estamos tratando o milho, a ginguba e o feijão.

Se numa catedral acendermos uma vela, mal se nota; se acendermos milhões, teremos que fugir à claridade e ao calor.

Se cada um de nós plantar uma banana, serão milhões de cachos!

Depois do não há guerra, devemos gritar bem alto: — Não à fome!

4/12/95

CARTA a um amigo:

Quando leres esta carta terá passado o teu Natal. Ricos bolos! Os brinquedos caros dos teus filhos! Os teus passeios e, talvez, um

«rico almoço» no restaurante «tal»! Ainda bem. Que tenhas saboreado tudo em paz.

Aqui será tudo simples... Nem bacalhau nem bolos nem brinquedos!

Apesar de tudo e de todas as carências, acredita, este nosso Povo não perdeu a alegria.

Os que são cristãos beijarão o Menino com um sorriso de felicidade e de ternura! Os que não, irão dançar e cantar num terreiro qualquer!

Tu sabes bem que a felicidade não se mede pela carteira e barriga cheias.

A ambição de ter ofusca e estraga a formosura dos bens. Daí que — muitas vezes — perdemos a alegria ao possuí-los.

Digo-te que no nosso Natal — Nascimento do Menino-Deus — tencionamos reparar com os irmãos... Faz tu o mesmo para que haja um espaço de alegria no teu coração!

Um abraço bem grande!

Padre Telmo